APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO ESPECIAL “LINGUAGEM COMO PRÁTICA LOCAL: ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS NA DIVERSIDADE”

Nesta edição especial da *Fórum Linguístico*, buscamos trazer para o/a leitor/a pesquisas que têm como foco a preocupação em discutir o ensino de línguas a partir de usos situados da linguagem. Nessa perspectiva, a seleção de textos desse volume é singularizada pela interrelação entre cenários de atuação específicos e as práticas de ensino de línguas pensadas para eles. Acreditamos que os trabalhos aqui reunidos possam contribuir para desconstruir a neutralidade identitária, étnica e essencialista ainda presentes em abordagens de ensino que reforçam concepções de língua(gem) como um sistema monolítico, do qual se poderia, simplesmente, lançar mão sempre que se precisasse usar alguma estrutura linguística.

Nossa iniciativa partiu do interesse, por parte de alunos da pós-graduação, e também de colegas professores que nos consultam a respeito de referências e indicações de pesquisas que estão sendo desenvolvidas tendo a diversidade como um dos seus aspectos centrais. Assim, embora não tenhamos a pretensão de oferecer aqui uma panorâmica de estudos que contemple a diversidade de contextos de ensino-aprendizagem da linguagem, em si inesgotável, o volume oferece a possibilidade de o/a leitor/a conhecer trabalhos que tratam da diversidade dos atores sociais que habitam contextos educacionais diversos, discutindo os usos da linguagem que são feitos por eles, em práticas locais que, do nosso ponto de vista, ainda não são suficientemente discutidas.

Assim, com o objetivo de abrir espaço para o debate sobre a diversidade, e sendo coerentes com a ideia da pluralidade, agrupamos trabalhos e ideias de pesquisadores que atuam em diferentes contextos e em diferentes linhas de pesquisa. O elo que une todos os trabalhos é o interesse em ultrapassar barreiras e em apontar para propostas que fortaleçam as pesquisas da Linguística Aplicada relacionadas a abordagens de ensino de línguas, de elaboração de materiais e de políticas educacionais de línguas que considerem as particularidades locais.

O VOLUME

No artigo que abre a edição, Maristela Fritzen e Jaqueline Ristau oferecem uma reflexão acerca das práticas sociais de letramento de imigrantes e de descendentes de imigrantes no sul do Brasil. As autoras discutem as construções identitárias desses indivíduos e o tipo de educação a que eles têm acesso nesse cenário de imigração. A partir de uma pesquisa de cunho interpretativista, Fritzen e Ristau buscam compreender o posicionamento de professores de línguas frente a cenários bi/multilíngues em que estão inseridos, discutindo questões como o mito do monolinguismo no Brasil, o bilinguismo social e a posição das línguas no contexto escolar, apontando para a necessidade de discussão de questões de interculturalidade na educação de grupos minoritários na formação de professores.

No artigo seguinte, Igor Gadioli discute as inconsistências entre propostas homogeneizantes de práticas de ensino-aprendizagem de Inglês no Ensino Médio de uma escola pública e as expectativas individuais dos participantes. Conforme o autor aponta, muitas práticas são frequentemente orientadas para demandas do vestibular, do mercado de trabalho e dos modelos linguísticos de “falantes nativos”, sendo que tais perspectivas tornam-se meramente utilitárias ao ignorarem necessidades e expectativas locais dos estudantes. Nesse contexto, usos alternativos do idioma dentro e fora da escola dão vazão a propósitos ideológicos particulares dos alunos. Esses usos produzem variantes linguísticas inovadoras, que no caso do inglês podem ser chamadas de *ingleses* e provocam atuações linguísticas inventivas. Por fim, o autor discute as implicações que elas têm para a trajetória social dos usuários e problematiza as diretrizes escolares para o ensino de línguas adicionais.

O estudo de Maria Izabel Hentz discute, posteriormente, as ações discriminatórias e repressoras de escolarização em relação à diversidade linguística em um Brasil plurilíngue e multicultural. A autora apresenta estudos que problematizam as práticas voltadas à escolarização dos povos indígenas a partir de um entendimento da escola como uma instituição complexa, que envolve ações do poder público. A

investigação de fontes bibliográficas e documentais permitiu a análise de dois diferentes projetos de formação inicial, desenvolvidos em nível médio em Santa Catarina, visando discutir quais são as relações estabelecidas com projetos de ensino bilíngue no contexto da educação escolar indígena.

Na sequência, Mario Lopez-Gopar discute a implementação do ensino de inglês no ensino fundamental no México, apesar da resistência encontrada frente aos programas oficiais, cujos materiais não contemplam a realidade da maioria das crianças mexicanas, especialmente a realidade e idiomas dos povos indígenas. Lopez discute a falta de pertinência desses materiais e desses programas, a partir de uma pesquisa que une elementos da perspectiva etnográfica e da pesquisa-ação. O estudo, desenvolvido com alunos-professores de inglês durante a formação inicial da Universidade Autónoma Benito Juárez de Oaxaca, teve como objetivo desenvolver um programa de ensino crítico de inglês em que a supremacia dessa sobre outras línguas é questionada, no sentido de evitar a discriminação sofrida pelas línguas e culturas indígenas.

A discussão de Cristina Helena Miranda e colegas apresentam o resultado de uma investigação de base qualitativa interpretativa, proposta pela disciplina de Estágio Supervisionado do Curso de Licenciatura em Letras/Inglês da Universidade Federal de Santa Catarina, na modalidade a distância. A partir da análise de entrevistas semiestruturadas e de conversas informais com os participantes, de notas de campo e do estudo do Projeto Político Pedagógico da escola, o grupo discute as percepções sobre as práticas de ensino-aprendizagem de língua estrangeira/inglês dos atores que constituem o campo de estágio, sinalizando possíveis intervenções pedagógicas e sugerindo uma abordagem holística para o ensino-aprendizagem de língua estrangeira/inglês, partindo de temas socialmente relevantes para o estágio de docência no contexto investigado.

A seguir, Wilmar D'Angelis discute as consequências de práticas de ensino de Fonética e Fonologia em cursos de formação de professores indígenas. O autor centra seu trabalho na ideia de que o resultado de um treinamento em Fonética, em uma turma de professores indígenas em formação é diferente do resultado de uma turma de falantes nativos de português, formandos em Letras. A partir daí, discute as representações ou crenças que se estabelecem ou são reforçadas nos professores indígenas. Discute a história e a situação da escrita e das ortografias das línguas indígenas minoritárias, em comparação com a da língua oficial e aponta deficiências na formação de pesquisadores em Fonologia pelas Universidades brasileiras, sugerindo, por fim, linhas para o trabalho com Fonética e Fonologia na formação de professores indígenas.

No texto que encerra essa edição, Nicanor Rebolledo Recéndiz e María del Pilar Miguez Fernández oferecem uma retrospectiva do estado da arte da pesquisa em línguas indígenas e espanhol em contextos educacionais mexicanos ao longo da primeira década do século XXI. Através da sistematização das diversas publicações e produções desse período, e a posterior reflexão sobre os paradigmas e abordagens teóricas que transparecem neles, os autores interpretam o desenvolvimento, contribuições e perspectivas das pesquisas sobre as línguas indígenas nos diversos níveis e modalidades do sistema educativo mexicano. Assim, Rebolledo e Miguez trazem para o Brasil uma visão exaustiva das direções e referenciais teóricos que contribuem para as práticas de linguagem da educação escolar intercultural e bilíngue dos povos indígenas mexicanos.

Maria Inêz Probst Lucena
Carlos Maroto Guerola
(Organizadores)